

não-violento, uma *ondulação* tangencial à ideia e ao afecto – uma sensualidade –, como na dança, no bailado, em que a beleza é a flutuação do *gesto*, do *corpo*: um movimento que suspende, do mesmo modo, a falsa banalidade da vida e a violência do fixo e do imóvel.

Não significa, no entanto, negar a importância da representação na construção e compreensão da realidade, mas procurar o seu suporte, a sua *origem*, abrimo-nos ao não-evidenciado, ao outro, à contemporaneidade em *aprendizagem sensível*; quer dizer, pensar – aprender a pensar – em *razoabilidade* e em *suportabilidade* para não sucumbirmos ao repúdio da experiência e, portanto, ao esquecimento do outro pela incapacidade de sermos afectados e tocados.

A experiência de acolhimento assegura, pela renovação da razão sensível, uma ligação ao mundo como *aprendizagem* do que resiste e persiste em origem – a sensualidade do pensamento, esquecida pelo saber, é poder – e garante, para além da relação gnoseológica e dos imperativos da razão, a unidade da vida – intelectual, afectiva e prática – como condição da realização da condição antropológica.

P. C. P.

Bibliografia

1. Dicionários

Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia de Ciências de Lisboa (2001). 2 vols., Academia das Ciências de Lisboa/Verbo.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001). Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, pref. Antônio Houaiss, apres. Mauro de Salles Villar (introd. de João Malaca Castelleiro (2002). Lisboa: Circulo de Leitores).

2. Geral

ANDRÉ, J. M. (1999). *Pensamento e Afectividade*. Coimbra: Quarteto.

BAPTISTA, I. (1998). *Ética e Educação. Estatuto ético da relação educativa*. Porto: Universidade Portucalense.

DERRIDA, J. (2001). *L'écriture et la différence*. Paris: Seuil (col. Points).

FLEMING, M. (2003). *Dor sem nome – pensar o sofrimento*. Porto: Afrontamento.

LEVINAS, E. (1988). *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Ed. 70 (trad. José Pinto Ribeiro).

LEVINAS, E. (1991). *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*. Paris: Martinus Nijhoff.

MAFFESOLI, M. (1996). *Eloge de la raison sensible*. Paris: Grasset.

NATOLI, S. (1999). *L'esperienza del dolore: le forme del partire nella cultura occidentale*. Milão: Feltrinelli (col. Campi del sapere).

NIETZSCHE, F. (1997). *Acerca da Verdade e da Mentira no Sentido Extramoral (Obras Escolhidas de Friedrich Nietzsche, vol. I., pp. 213-232)*. Lisboa: Relógio D'Água (trad. Helga Hoock Quadrado).

PATRÍCIO, M. F. (1997). "O pensamento antropológico de Teixeira de Pascoaes". AA.VV., *Nova Renascença*, 17, 64-66, Porto, pp. 21-48.

PEREIRA, P. C. *Do Sentir e do Pensar. Ensaio para uma antropologia (experencial) de matriz poética*. Porto: Afrontamento (no prelo).

PERNIOLA, M. (1993). *Do Sentir*. Lisboa: Presença (trad. António Guerreiro).

PERNIOLA, M. (1994). *Enigmas, O Momento Egípcio na Sociedade e na Arte*. Lisboa: Bertrand (trad. Catia Benedetti).

ROBINS, K. (2003). "O Toque do Desconhecido". *Revista de Comunicação e Linguagens*, 31, *Imagem e vida*, Lisboa: Relógio D'Água (org. José Gil e Maria Teresa Cruz, trad. Catarina Moura), pp. 27-57.

SOUSA, E. (2000). *Origem da poesia e da Mitologia e outros ensaios dispersos*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda (organização de Joaquim Domingues, apres. Paulo Borges).

Acontecimento

1. Uma filosofia do acontecimento

A palavra "acontecimento" provém da palavra latina *eventus*, a qual, por seu lado, deriva de *evenire*, que significa "vir de", "chegar". Outras derivações do vocábulo podem ser: "eventual", "eventualidade". No contexto da *teoria das probabilidades*, "acontecimento" designa a realização de uma certa possibilidade a partir de um determinado conjunto de condições. Se, em presença de um conjunto de condições, o acontecimento se produz de maneira *inevitável*, denomina-se *fidedigno*. Se, face a essas mesmas condições, o acontecimento não pode ocorrer, denomina-se *impossível*. O acontecimento que pode ou não ocorrer chama-se *casual*. Os acontecimentos "casuais únicos" apenas podem caracterizar-se *qualitativamente*.

Em *filosofia*, a noção de acontecimento foi essencialmente abordada por um conjunto de filósofos europeus de algum modo influenciados pela obra de Martin Heidegger: Michel Foucault, Gilles Deleuze, Jacques Derrida. O uso posterior das reflexões destes pensadores sobre essa noção revelou o risco de determinados discursos e usos da noção de acontecimento a transformarem numa espécie de "significante despótico". Nesse sentido, Michel Foucault tinha já assinalado a necessidade de evitar

perspectivar sob um único plano de análise a noção de acontecimento. Deveria, antes, reconhecer-se que existe toda uma série de acontecimentos diferentes que não possuem nem a mesma importância nem a mesma capacidade para produzir efeitos (Foucault, 1999). Assim, pretendendo evitar que esta noção se afigure como um instrumento através do qual se passa a explicar tudo, especialmente no campo das *ciências humanas*, é conveniente esclarecer determinados aspectos nela contidos, pois, sem a realização de uma análise cuidada, ela correria o risco de tornar-se pouco inteligível.

Em *filosofia da educação*, a análise desta noção torna-se imprescindível para uma compreensão mais íntima da educação como *experiência* (Bárceña, 2005). Podemos, assim, destacar dois significados centrais do termo. Em primeiro lugar, tem carácter de acontecimento aquilo que, tendo já ocorrido, apresenta todavia uma certa "actualidade" nas coordenadas do tempo presente. Afirmamos, então, que esse acontecimento "nos dá a pensar" e constitui uma provocação ao pensamento, porque todo o acontecimento rompe com algo anterior, surgindo dessa ruptura uma "novidade radical", um certo *começo* (Bárceña, 2004). Em segundo lugar, todo o acontecimento é aquilo que se passa "aqui" e "agora" (*hic et nunc*), o que "irrompe", por surpresa e de modo imprevisto, numa situação particular. É o que se *faz presente*, o que emerge fendendo o presente e introduzindo nele uma certa *descontinuidade* (relativamente ao passado e ao futuro). Por isso mesmo, torna-se necessário distinguir entre "facto" e "acontecimento". Diferentemente do primeiro, os acontecimentos introduzem uma fractura: irrompem por surpresa; sendo impossível antecipar o seu aparecimento, eles marcam um "antes" e um "depois"; nada volta a ser como antes depois do seu aparecimento fulgurante. Se um "facto" pode ser arquivado, dizer-se, explicar-se e dar-se a conhecer, os acontecimentos são indizíveis, inimagináveis, inenarráveis, ou simplesmente inefáveis. Este conjunto de traços foi sublinhado pelos filósofos que pensaram esta noção.

Para **Hannah Arendt**, por exemplo, a experiência dos modernos totalitarismos introduz "condições estritamente contemporâneas" para o pensamento (Arendt, 1996). Os dramas inaugurados pelos totalitarismos no século XX constituem o *acontecimento central* que vai *dar a pensar* ao filósofo tradicionalmente afastado da esfera dos assuntos humanos: "A originalidade do totalitarismo é horrível, não porque com ele tenha surgido no mundo uma nova «ideia», mas porque as acções que o caracterizam representam uma ruptura com todas as nossas tradições; essas acções fizeram manifestamente explodir as nossas categorias de pensamento político e os nossos critérios de juízo moral" (Arendt, 2001: 233). Se o acto de nascimento da filosofia é um acto de *admiração* que se torna silêncio, isto é, uma experiência de assombro e perplexidade perante o facto de que as coisas sejam tal e qual como são, os acontecimentos totalitários colocam um desafio inteiramente novo ao pensador: a dimensão crucial de uma filosofia que não recuse a esfera dos assuntos humanos passa a fundamentar-se na importância *política* do pensamento. Assim, face aos dramas a que assistimos no século XX, uma verdadeira filosofia política "só pode irromper de um acto original de *thaumázzein*, cujo assombro, e consequente impulso de interrogação, deve hoje (quer dizer, ao contrário dos ensinamentos antigos) incidir directamente nos assuntos humanos e na acção" (Arendt, 2001: 351). O acontecimento (totalitário) devolve ao filósofo a esfera dos assuntos humanos, no interior da qual *ser* e *aparecer* passam a coincidir. Ao pensar objectos que tradicionalmente foram situados fora da filosofia – como, por exemplo, o silêncio, o abandono ou o testemunho –, a filosofia apresenta-se, na contemporaneidade, como uma forma essencial de *inquietação*. Procurar os objectos da filosofia fora dela é o princípio da própria filosofia: uma forma de encontrar o seu próprio poder de *subversão*. A filosofia surge, então, como um movimento de pensamento desde onde irrompe uma *força* que não se reduz ao *puro conceito*. Através dessa força, o pensar filosófico abre-se aos acontecimentos que rompem as fronteiras reconhecidas da ordem discursiva. E isto é importante para